

# “Sei que sou visado porque sou o centro-avante da política cultural do GDF”

**Correio Dois — Você continua achando que os ‘zeinhos da silva’ não têm direito de se apresentar na Sala Villa-Lobos?**

**Sílvio Barbato —** Com minha declaração, não tive nenhuma intenção de diminuir ninguém. Quem me conhece sabe da simplicidade com que trato todas as questões, mesmo as mais complexas. Vim morar em Brasília quanto tinha 14 anos de idade e desde aquele tempo vi o quanto a Sala Villa-Lobos e o teatro Nacional foram submetidos a situações artísticas vexatórias. Tendo vivido ao lado de Claudio Santoro, como aluno e assistente, vi o maestro sendo preterido na utilização do espaço que é a casa da Orquestra Sinfônica, por espetáculos medíocres, impostos pela nomenclatura da ditadura militar. Ultimamente, pessoas montam espetáculos baseados em musicais da Broadway, sem pagar direitos autorais, submetendo o palco do teatro a atitudes de pirataria. O que

quero e acho que todos querem é completar uma obra: transferir definitivamente a capital cultural para Brasília.

**Correio — A vaia de terça-feira, antes do concerto da Orquestra na Villa-Lobos o incomodou?**

**Barbato —** Sei que sou visado por ser o centro-avante da política cultural do governo de Brasília. Fui alertado com antecedência que esta vaia estava sendo programada e fui preparado. A vaia não foi para mim, nem para a orquestra ou para a obra apresentada, e sim para uma política cultural vitoriosa. Portanto, essa vai não faz o menor sentido.

**Correio — Por outro lado você tem sido elogiado pela elaboração da trilha sonora de Villa-Lobos, Uma Vida de Paixão, o filme de Zelito Viana.**

**Barbato —** Na estréia do filme, no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, ao reger a Orquestra Sinfônica Brasileira, fomos aplaudidos de pé durante cinco

Anderson Schneider



**Maestro Sílvio Barbato: “O que sou mesmo é um cidadão do mundo”**

minutos. Os elogios à trilha são unânimes. Chegam a dizer que a trilha fez o filme.

**Correio — Quando lhe acusam de ter presença mais freqüente no Rio de Janeiro do que em Brasília, no comando da Orquestra, como você reage?**

**Barbato —** Sei que há pessoas

que dizem que o Rio de Janeiro é o centro da minha atuação. Mas eu sou mesmo é um cidadão do mundo. Este ano vou reger orquestras na Europa, África e vou levar a Orquestra Sinfônica do Teatro Nacional à Europa, em primeira turnê internacional. Mas minha carteira de identidade, meu título de eleitor são de

Brasília. Minha mãe e minhas irmãs moram aqui e minha namorada é uma linda brasileira. Viva Brasília!

**Correio — Dizem que sua relação com a orquestra é um tanto quanto tumultuada.**

**Barbato —** A relação de um maestro com uma orquestra é semelhante a de um casamento. É relação de amor, embora eventualmente haja turbulência. Hoje temos uma orquestra completa, com quase 80 músicos, contra os 35 que encontrei há um ano atrás.

**Correio — Outra acusação que lhe fazem é de ser marqueteiro.**

**Barbato —** Considero que tenho boa percepção da energia da nossa cidade. Que a imagem da orquestra esteja intimamente ligada ao seu maestro é extremamente natural. Como pensar na Filarmônica de Nova York sem Zubin Mehta? Ou a Orquestra de Berlim sem Herbert Von Karajan? Ou a orquestra do Scala de Milão sem Riccardo Muti?